
O trabalhador e a conjuntura do desemprego na pandemia de Covid-19: consequências para a saúde mental

The worker and the unemployment conjuncture in the Covid-19 pandemic: consequences for mental health

Marcel Pereira Pordeus^{1*}, Caio Leonam Vieira Pordeus², Sheyla Maria Sales Mesquita³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender a relação entre o desemprego e os possíveis impactos à saúde mental, pois compreendemos o trabalho como um fator central da vida em sociedade, e por sua vez constituinte da nossa subjetividade. Consideramos a importância dessa temática diante da situação que o país vivencia, com elevado índice de desemprego em detrimento da pandemia de Covid-19, em taxas de 11,1% já no primeiro trimestre de 2022. A metodologia selecionada foi a revisão bibliográfica de cunho qualitativo, pautada na revisão sistemática de literatura. Como resultados encontrados vimos que o desemprego na conjuntura da pandemia de Covid-19 pode gerar sofrimento psíquico para os trabalhadores em situação de inatividade, o que demanda da psicologia a evolução das intervenções psicológicas que possam contemplar de forma mais efetiva essa parcela da população. Devido à escassez de estudos nessa temática, indicamos que a classe acadêmica possa fomentar mais pesquisas que venham a contemplar o desemprego como fenômeno de repercussão social na contemporaneidade.

Palavras-chave: Trabalho; Desemprego; Saúde Mental; Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

This study aims to understand the relationship between unemployment and possible impacts on mental health, because we understand work as a central factor of life in society, and in turn, a constituent of our subjectivity. We consider the importance of this theme in view of the situation the country is going through, with high unemployment rate in detriment of the Covid-19 pandemic, at 11.1% rates already in the first quarter of 2022. The selected methodology was a qualitative bibliographic review, based on a systematic literature review. The results found showed that unemployment in the context of the Covid-19 pandemic can generate psychological suffering for workers in inactive situations, which requires psychology to develop psychological interventions that can more effectively address this portion of the population. Due to the scarcity of studies on this theme, we indicate that the academic class should encourage more research that contemplates unemployment as a phenomenon of social repercussion in contemporaneity.

Keywords: Work. Unemployment. Mental Health. Covid-19 Pandemic.

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie

*E-mail: marcelufce@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará

³ Universidade Estadual do Ceará

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os interesses voltados para a temática do desemprego, partimos de experiências pessoais e da análise contextual do cenário político e econômico relacionado ao desemprego. Colocar atenção no sofrimento de pessoas que vivem em um processo de vulnerabilidade, vai além de uma questão microssocial, haja vista permear um âmbito macrossocial e sistemático, que percorreram os últimos anos, pois o desemprego figura como dado expressivo diante da situação que o país vivencia.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho - OIT (2022), com dois anos de pandemia de Covid-19, o desemprego ainda tem sido um entrave crescente na vida das pessoas na América Latina e no Caribe. Com uma taxa de inativos de 9,6%, um em cada dois trabalhadores pertencem ao setor informal. Ainda de acordo com a OIT (2022), esta é uma realidade sem perspectivas de melhorar, haja vista a forma como muitos países, principalmente o Brasil, lidam com ineficácia e negligência na gestão de crise pela pandemia. Nessa conjuntura, com o descaso do governo federal quanto à seriedade da saúde no país, a informalidade cresce, num cenário de alta desocupação, fome e endividados.

Apesar da tímida recuperação econômica contabilizada em 2021, com um acréscimo de 6%, ainda não foi satisfatório para recuperar os postos de trabalho perdidos. Na pandemia de Covid-19, houve o registro de 49 milhões de empregos perdidos no ápice da crise por causa da pandemia. Nesse viés, já no segundo trimestre de 2020, 4,5 milhões de desempregados precisavam de uma renda formal. De acordo com a OIT (2022), o ano de 2022 iniciou com uma estimativa de 28 milhões de pessoas à procura de emprego, contanto, sem ter sucesso.

Além de atentar ao cenário social em relação ao desemprego, vimos também a necessidade de entendermos a centralidade que o trabalho exerce na vida das pessoas, e como a relação com o trabalho e a ausência deste aferem a questões de ordem social, e não somente a esta, mas também de ordem psicológica. Com isso, visamos assim entender a relação do desemprego e a saúde mental, trazendo reflexões sobre tal tema, pois consideramos a necessidade de fomentar mais estudos nesse contexto, conforme destacam Pinheiro e Monteiro (2007, p. 35), “[...] denota-se a escassez de produções nacionais que se proponham a averiguar o impacto do desemprego na saúde mental, evidenciando um amplo e desafiador terreno a ser estudado”. Contanto, somado a isso, enveredamos para a saúde mental e desemprego na conjuntura da pandemia de Covid-19.

Objetivamos assim, compreender a relação entre o desemprego e os possíveis impactos à saúde mental do trabalhador na conjuntura da pandemia de Covid-19, entender como o trabalho e o desemprego influenciam na saúde mental e discutir a contribuição das intervenções psicológicas para a saúde do trabalhador em situação de desemprego.

Entendemos que esse tema merece ser estudado pelo seu destaque no cenário contemporâneo, haja vista a pandemia de Covid-19 ser uma temática relevante para a sociedade, tanto como consequência para problemas de ordem mental, com o desemprego crescente e as inúmeras perdas fatais que acometem as pessoas em disfunções psicológicas e emocionais. Nesse sentido, procuramos buscar os pressupostos da Psicologia Social e Psicologia das Organizações e do Trabalho, para melhor compreender como essas áreas narram sobre trabalho, desemprego e saúde mental. Dentre os autores pesquisados, utilizamos em destaque Christophe Dejours, Marie Jahoda, Wanderley Codo e Ricardo Antunes.

O TRABALHO E O TRABALHADOR EM SITUAÇÃO DE DESEMPREGO

Ao estudarmos a etimologia do vocábulo *trabalho*, Santos (2000) o caracteriza como um termo polissêmico, repleto de significados e transformações. Diante disso, não se conceitua de forma universal e constante, posto que é um exercício conceitual que demanda pesquisa continuada em face às mudanças históricas que a temática experimenta.

Para Ovejero (2010), o conceito contemporâneo de trabalho surge com a modernidade, produto do capitalismo industrial. Não parte exclusivamente do intuito de angariar sustento, devendo-se considerar sua condição histórica e seu entrelaçamento com fenômenos históricos a nível econômico, cultural e político, à exemplo disso, o capitalismo. Citado autor contesta o trabalho como fator constituinte da natureza humana, o que seria uma tentativa de “sacralizar” essa categoria, dando justificativa para o capitalismo e a exploração do trabalho. Em sua análise, o trabalho passou a constituir nossa subjetividade, e é definido como uma construção social, considerando seu contexto cultural e histórico e a relação com modos de viver, experiências e relações simbólicas das pessoas em seu ambiente, que vem, em parte, determinar seus desejos e grau de satisfação profissional em condições e cenários diversos (OVEJERO, 2010).

Já Antunes (2005) o define como uma dialética entre fatores benéficos e favoráveis, tais como: manifestação vital, exercício de vida, geração, inspiração e

felicidade, em oposição a fatores nocivos, como deterioração, submissão, subordinação e infelicidade. “Momento de catarse e vivência de martírio. Ora cultuava-se seu lado positivo, ora acentuava-se o traço de negatividade” (p. 11).

Em sua análise histórica e conceitual sobre a definição de trabalho, coloca essa categoria como uma dimensão díade e opositora entre sua condição de criar, humanizar, libertar e emancipar ao passo que também pode subordinar, degradar, escravizar e alienar, colocando o trabalho como questão nodal para a vida humana, onde o desafio é dar sentido ao trabalho, como também para a vida fora dele (ANTUNES, 2005).

Conforme a perspectiva de Codo (1997, p. 26), o trabalho é “[...] uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado”. Sob outro ponto de vista, temos a definição de Dejours (2004), onde aponta o trabalho como a própria ação de trabalhar, levando em consideração suas reflexões, interpretações e reações. É a possibilidade de imprimir sentimentos e pensamentos diante dessa ação, em síntese, é a forma como a personalidade humana se adapta a uma atividade demarcada por imposições de âmbito social e material.

Nos estudos abalizados por Abs e Monteiro (2010), dada a multiplicidade de significações para a categoria trabalho, Cristophe Dejours e Wanderley Codo são autores que compartilham também da compreensão da centralidade do trabalho, possibilitando um melhor entedimento para o sofrimento psíquico do trabalhador em situação de desemprego.

Com efeito, entendemos que o trabalho é um fator central da vida em sociedade, e por sua vez constituinte da nossa subjetividade, contemporaneamente às novas configurações impostas pelo mercado de trabalho que impõem ao trabalhador situações de desemprego, onde o mundo do trabalho passa a trazer a possibilidade do não-trabalho. Sendo assim, o desemprego se faz presente e desafiador, interferindo decisivamente na vida das pessoas.

Retomamos Antunes (2005, p. 12), que nos traz a temática do desemprego, quando afirma: “Mas o nosso mundo contemporâneo oferece outra contribuição ao debate: fez explodir, com uma intensidade jamais vista, o universo do não-trabalho, o mundo do desemprego.” O desemprego, assim como o trabalho, se constitui como um termo complexo, de múltiplos sentidos, que varia de acordo com o contexto histórico, político e econômico.

Neste estudo nos detemos aos significados dessa categoria, mais vinculados à subjetividade, levando em conta as variáveis sociais que impactam de forma objetiva na composição desse fenômeno, que consideramos atrelado a constituição de identidade do trabalhador e seu lugar social, e não apenas como ausência de remuneração e vínculo empregatício.

O desemprego, como é tratado neste estudo, é um fenômeno complexo que somente a partir da década de 1930 é que surge, realmente, com o status de uma categoria de representação. Ele se complexifica com as novas tecnologias, a reestruturação produtiva, o trabalho informal e a mudança do perfil do trabalhador, tornando-se de difícil definição (ABS; MONTEIRO, 2010, p. 420).

O fenômeno do desemprego trata-se não apenas de uma questão econômica, mas de um problema psicossocial com efeitos psicossociais que podem repercutir na constituição da personalidade individual, pois assim como o trabalho, também ocupa um lugar central (OVEJERO, 2010).

Na pandemia de Covid-19, o trabalhador em situação de desemprego, contemporaneamente assim denominado, não é visto nesse estudo apenas como um sujeito sem salário, vínculo empregatício e direitos previdenciários, mas sim como um indivíduo que tem na sua condição atual, autopercepção fragilizada por conta da crise mundial de saúde, inúmeras perdas, restrição quanto a suas necessidades, privação de desejos e frustração diante as condições que deixam de proporcionar-lhe um valor social.

O DESEMPREGO E A SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR EM SITUAÇÃO DE DESEMPREGO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Elencamos aqui as ideias centrais dos principais autores que se debruçaram sobre a categoria desemprego e sua relevância no cenário da saúde mental. Segundo descreve Codo (2004), é necessário fugir de dois antigos aspectos reducionistas que seguem até hoje, ou seja, um psicologismo em que se entende que tudo está atrelado de forma demasiada à subjetividade, negligenciando aspectos ligados ao meio, e o outro seria uma espécie de sociologismo, fomentando a ideia da prevalência do viés relativo ao meio, desvalorizando dados psico-históricos.

Fazendo-se relevante ter um olhar mais tênue do papel exercido pelo meio, às questões como distúrbios mentais, mas sem esquecer do sujeito como sendo um fenômeno

singular e subjetivo, onde aspectos sociais e individuais vão sempre se articular, superando essa ambivalência entre subjetividade e objetividade, passando a considerar essas duas importantes concepções como integrantes de um todo na vida do trabalhador.

Tal autor empreende seu viés sobre a psicologia do trabalho, psicólogos clínicos e a outros profissionais da saúde mental, remetendo críticas sobre a falta de um maior apoio a essa categoria, a do trabalho. Discute a ausência de estudos na clínica psicológica, que compreendam melhor a possibilidade de ressignificação de conteúdos internos do sujeito, onde ele consiga articular de maneira mais apropriada seu mundo interno, mas também seu mundo externo, de modo a produzir modificações em seu ambiente, coerentes às necessidades, trazendo oportunidades de uma boa relação consigo e os outros (CODO, 2004).

Jahoda (1988 *apud* PINHEIRO; MONTEIRO, 2007) nos insere sobre a relação entre desemprego e saúde mental, quando apresenta um modelo onde a categoria desemprego suprime do sujeito benefícios de ordem mais evidente como a retribuição financeira e também ganhos subjetivos, tais como: estrutura da rotina, relações com núcleo social diferente do familiar, objetivos à nível coletivo, identidade e status social. Aponta, como fator importante dessa relação, a retirada repentina do indivíduo de um contexto social que até então preenchia boa parte da vida do trabalhador.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), muitas pessoas reagem de formas diferentes quando lidam com situações estressantes. Nesse contexto, cada pessoa está respondendo de forma peculiar à pandemia de Covid-19, com as problemáticas oriundas da crise de saúde mundial, às milhares de vidas ceifadas, desemprego, fome, dentre outras intempéries.

Com efeito, o aumento dos sintomas psíquicos e transtornos mentais durante a pandemia se tornou crescente. Dentre elas, podemos citar as sequelas físicas recorrentes devido à contaminação pelo novo coronavírus, com ação direta no sistema nervoso central. Somado a isso, as experiências traumáticas com as perdas de amigos, parentes, conhecidos, e o estresse em decorrência do isolamento social. Nesse cenário, as relações afetivas se tornaram escassas ou quase inexistentes, inclusive com nossos parentes diretos. Com o fechamento das escolas, comércios e a falta de emprego, os padrões de comportamento social foram modificados, e tudo isso é um gatilho para transtornos emocionais e mentais (OMS, 2020).

Ademais, quanto ao desemprego como fator que acarreta problemas sociais, Barros e Oliveira (2009) discorrem que:

[...] conforme Jahoda, Lazarsfeld e Zeisel (1972), quando as pessoas estão privadas do trabalho, há uma crise na estrutura da personalidade do grupo de desempregados. O desemprego priva o indivíduo de uma estruturação funcional de vida, a qual era fortemente influenciada pelo emprego (p. 91).

Barros e Oliveira (2009) ainda descrevem metaforicamente o desempregado com “um ator fora de cena”, onde decai por exemplo o sentido singular de identidade e na ótica coletiva o fator de pertencimento social. Esses pesquisadores contextualizam o desemprego dentro de uma esfera para além do indivíduo, onde também o consideram como a constituição de um todo, preenchido de aspectos psicológicos, sociais, históricos, econômicos e até ontológicos que vão desde a subjetividade, passam pelo capitalismo, mercado e crises econômicas, e vão até a humanização primária do homem.

O trabalhador em situação de desemprego sofre uma quebra abrupta em sua história pessoal, onde o sujeito deixa de pertencer a um núcleo social para ocupar um “não-lugar”, tornando-se rejeitado, marginalizado. De acordo com Ribeiro (2007 *apud* BARROS; OLIVEIRA, 2009 p. 89): “[...] a falta de trabalho pode gerar uma vida sem significação e uma situação de vulnerabilidade social, a qual pode ocasionar uma desordem simbólica e psíquica”.

Podemos afirmar que existem indícios que a relação entre saúde mental e desemprego resulta em fatores danosos ao trabalhador em situação de desemprego, e que estes padecem de forma mais expressiva e contundente de sofrimentos e sentimentos relativos à essa condição (BARROS; OLIVEIRA, 2009).

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa com abordagem qualitativa. Seu intuito foi voltado para o entendimento e análise dos dados qualitativos do material estudado, de forma a possibilitar uma melhor compreensão dos sentidos e significados ali expressos, considerados a partir do rigor científico que fidedigna os resultados da pesquisa. O método selecionado para a composição desse trabalho foi a pesquisa bibliográfica, pois é baseada na análise de artigos publicados em revistas científicas e livros que tratam sobre o tema. Segundo Gil (2010):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (p. 44).

De acordo com os estudos de Castro (2010), a pesquisa bibliográfica faz o comparativo entre pressupostos de vários autores sobre uma temática singular, investigando, comparando e refletindo sobre as concepções de cada um deles, a fim de estabelecer defesa a uma ou várias afirmações, que podem tipificar fundamentações a partir dessas construções iniciais.

Para tanto, realizamos uma revisão de literatura com cunho qualitativo, de forma a buscar temática disponível na literatura científica que melhor atendesse aos objetivos da nossa pesquisa. A revisão de literatura é realizada através de etapas previamente definidas e respeitadas, no intuito de refletir em uma avaliação criteriosa e reprodutível do conhecimento produzido, pautada em critérios de inclusão e exclusão, bem como uma análise crítica das fontes bibliográficas pesquisadas (RAMOS *et al.*, 2014).

O levantamento bibliográfico foi executado a partir da seleção de artigos com obtenção gratuita nas plataformas: SciELO – Scientific Eletronic Library Online e PePSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia. Para a busca de livros utilizamos como base a biblioteca virtual dos periódicos Capes, e sites da Organização Mundial da Saúde e do governo federal, acerca dos cenários da pandemia de Covid-19.

O estudo foi delimitado a artigos difundidos em revistas científicas digitais a partir dos últimos quinze anos, ou seja, no período de 2007 a 2022. Com esse recorte temporal selecionado, objetivamos a busca pela fidedignidade em trazer informações condizentes com o tema, que se propõe em priorizar a conjuntura da saúde mental, o desemprego atualmente e a pandemia de Covid-19. Para tanto, foram utilizados como descritores: desemprego; trabalho; saúde mental; Pandemia de Covid-19.

Primeiramente, realizamos uma busca no portal SciELO com os seguintes descritores: “trabalho, desemprego, saúde mental e pandemia de Covid-19”, onde obtivemos 07 artigos, dos quais 04 foram excluídos, 03 por estarem fora do recorte temporal do critério de inclusão e 01 por estar em língua estrangeira. A segunda busca foi realizada no portal PePSIC, com os mesmos descritores, que nos trouxe 03 artigos, dos quais 01 apresentou repetição, ou seja, já estava no SciELO.

Diante da necessidade de melhor atender aos objetivos dessa pesquisa, executamos uma nova busca nos portais supracitados com os seguintes descritores:

“trabalho e desemprego e saúde mental”, no portal SciELO não se auferiu nenhum resultado, e no portal PePSIC foi apresentado 01 artigo. Ao final dessa etapa, 08 artigos foram considerados para análise, sendo assim distribuídos:

Tabela 01 – Distribuição dos artigos selecionados de acordo com as plataformas

Bases	Encontrados	Selecionados
SciELO	07	03
PePSIC	03	02
Total	10	05

Fonte: Elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

A partir dos estudos minuciosamente avaliados em nossa base de dados, destacamos inicialmente a relação do homem com o trabalho. E, enredado aos objetivos desta pesquisa, vimos sobressair o trabalhador em situação de desemprego, ao passo que se destacaram os conteúdos sobre a percepção que o trabalhador tem sobre si, conforme descreve Monteiro *et al.* (2008, p. 239): “A situação do desemprego parece obrigar os sujeitos a olharem para si [...]”.

E no que concerne a um cenário econômico desfavorável, tal situação faz com que o trabalhador tenha uma perspectiva carregada de sentimentos. Pinheiro e Monteiro (2007) defendem que é notório surgir um sentimento de culpa, pois os trabalhadores sem emprego sentem-se desqualificados e fracassados, gerando em muitos trabalhadores uma percepção de baixa autoestima, por convivem num cenário de modelo econômico segregacionista.

Encontramos também contribuições acerca do trabalho e desemprego, a partir de um olhar mais específico, mas que também permeia uma parcela significativa de trabalhadores em situação de desemprego, os jovens Guiland e Monteiro (2010) trazem a partir dos resultados de sua pesquisa, que a autopercepção dos jovens trabalhadores em situação de desemprego, a partir do fator saúde, no grupo avaliado, apresentou a pior condição em relação à saúde psicológica, acarretando preocupações e um grande sofrimento para tais trabalhadores. Pois a partir desses dados viu-se que os jovens que têm todo um vigor disponível e buscam essa relação de desenvolvimento pessoal, ao se defrontarem com o desemprego, se tornam vulneráveis no quesito saúde mental.

Monteiro *et al.* (2008) afirmam sobre a representatividade do trabalho, apontando esse, não apenas como a uma condição material, mas também como sendo imprescindível à vida e a um indivíduo que vive socialmente e busca encontrar um lugar de segurança na sociedade. O trabalhador em situação de desemprego, além de suas perdas objetivas de uma perspectiva material, sofre também as condições sociais de se apresentar, crescer e se estabelecer com o seu legado no mundo.

Encontramos a relação que há entre aspectos objetivos, que diz respeito a exigências sociais em uma sociedade, bem como anseios subjetivos de um trabalhador, que devido ao desemprego, em muitos casos lhes são privados. Os autores continuam quando descrevem sobre as variáveis condizentes às referências psicossociais, que geram uma preocupação a saúde do trabalhador em situação de desemprego:

Os resultados são alarmantes e indicam que o desemprego pode culminar em depressão, angústia, sentimentos de impotência e de culpa, perda da autoestima, alcoolismo, tabagismo, uso de drogas em geral, conflitos conjugais e familiares, isolamento social e até suicídio (MONTEIRO *et al.*, 2008, p. 238).

Pinheiro e Monteiro (2007) realçam também outras consequências advindas do desemprego, como a possibilidade de desestruturação dos laços sociais e afetivos, direitos restritos, instabilidade socioeconômica e possível desencadeamento de distúrbios mentais. Esse cenário degradador pode levar a uma indagação quanto à saúde do trabalhador, principalmente àquele que se encontra fora do mercado formal de trabalho, à margem.

O trabalhador que está em situação de desemprego, segundo a perspectiva de Pinheiro e Monteiro (2007, p. 42), seria: “[...] aquele que vivencia a falta de renda, a exclusão do mundo do trabalho e que vive à margem da sociedade, por não ser reconhecido como um cidadão ativo e produtivo”.

Pinheiro e Monteiro (2007) discutem também sobre aspectos subjetivos em trabalhadores que mesmo empregados, sofrem com o medo do desemprego. Inicialmente, interpretam que o próprio companheiro de trabalho pode ser um adversário, ou seja, uma condição de ameaça, posto isso como característica própria dos novos moldes de organização do trabalho na contemporaneidade. Destacam que a falta de confiança e sinceridade nas relações de trabalho geram insegurança e medo no trabalhador.

Ainda quanto a implicações de ordem subjetivas, alguns resultados nos são indicativos de que o medo do desemprego impacta na saúde mental do trabalhador, onde mesmo ele estando empregado, esse fenômeno já permeia sua vida.

[...] Destarte, no estudo do desemprego mostra-se fundamental um olhar atento para o trabalho, pois em inúmeras vezes é no contexto de trabalho que começam a emergir agravos à saúde devidos ao medo do desemprego (PINHEIRO; MONTEIRO, 2007, p. 36).

Corroborando com essa tese, Bernardo *et al.* (2011) ilustram essa questão do medo do desemprego, apresentando uma pesquisa com trabalhadores de montadoras de automóveis, onde em seus relatos demonstram características que os autores categorizam como precariedade subjetiva, conceituada como sensação de não adaptação ao trabalho e suas rotinas, falta de capacidade e habilidade, isso aliado a sentimentos de baixa autoestima, segregação e abandono. Ressaltam, portanto, que “[...] são flagrantes as alusões ao temor do desemprego e, assim, estar empregado, ainda que em uma função que exija esforços sobre-humanos, é apontado como preferível a emprego nenhum” (p. 87).

Oliveira *et al.* (2014) também demonstram como relevante essa temática, onde o medo e outras manifestações como tensão e mal-estar estão associadas ao fantasma do desemprego, de modo a gerar impacto iminente à saúde mental do trabalhador.

Quanto a aspectos subjetivos do desemprego, Barros e Oliveira (2009) apontam que quanto maior o tempo desempregado, maior a possibilidade de agravamento à saúde mental. Entendemos assim, que quanto maior a vulnerabilidade de estar desempregado, aumenta a preocupação com o estado de saúde desses trabalhadores, pois além da pressão socioeconômica e a privação material, seu estado subjetivo tende a prevalecer em sentimentos como tristeza, solidão, baixa autoestima, depressão, pessimismo, desânimo, ressentimento, desmotivação, dentre outros, fomentando um estado de saúde mental depressivo e preocupante, passando a tornar uma questão de saúde pública, segundo seus dados apresentados. Nesse cenário, a saúde mental aliada ao isolamento social é ambiente propício ao desenvolvimento de querelas para pesquisadores que apreciam esta temática.

Os autores acrescentam ainda, ao que se refere à saúde mental, apregoando haver uma necessidade de um olhar da psicologia, sociologia e políticas públicas para o desemprego, e como este pode agravar o sofrimento humano, tanto pelas questões subjetivas como por razões objetivas, pois esse cenário requer uma análise partindo de

pressupostos que considerem também os fatores sócio-históricos que estão inter-relacionados nesse fenômeno (BARROS; OLIVEIRA, 2009).

Pontuamos essa discussão trazendo Santos (2004), que pautado na obra de Christophe Dejours, elabora o conceito de Síndrome Subjetiva do Desemprego, onde em sua tese afirma:

Em suma, a Síndrome Subjetiva do Desemprego – SSD pode ser definida como uma coletânea de problemas funcionais, com ou sem substrato orgânico, que apenas aqueles que perdem seus empregos e geralmente são introjetados, temporária ou permanentemente, mesmo quando os indivíduos retornam ao trabalho, provocando insegurança do presente e incerteza do futuro, manifestados pelo medo, vergonha, culpa e desgaste, responsáveis pela reestruturação da identidade de trabalhador e ser social (SANTOS, 2004, p. 292).

Entendemos, a partir dos estudos aqui apresentados, que há uma diversidade de autores que postulam sobre uma direta relação entre desemprego, saúde mental, problemáticas vivenciadas pelo trabalhador, com efeito, encontramos também poucos materiais que relacionam o desemprego com a Pandemia de Covid-19, haja vista termos hodiernamente pesquisas ainda maturando o campo dos acontecimentos e suas transformações cotidianas.

Ademais, com vistas a implicações objetivas e subjetivas, num ponto de vista longitudinal desde a ótica de trabalhadores na relação com o trabalho, onde é latente e manifesto o medo do desemprego, até trabalhadores em situação real de desemprego e uma diversidade de sentimentos, sofreres e adversidades sociais advindas das pesquisas, teses e investigações científicas esboçadas nesse estudo.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho nos permitiu melhor compreender a relação entre o desemprego e os possíveis impactos à saúde mental do trabalhador na contemporaneidade, onde os autores estudados convergem sobre a fidedignidade dessa relação, sendo possível identificar como bastante relevante e abrangente, mostrando a existência de um amplo campo a ser explorado, visto que é considerado como um fenômeno de repercussão social. Com a Pandemia de Covid-19, a relação de desemprego com problemas de saúde mental são auferidas pela Organização Mundial de Saúde (2020), ao que assevera a relação entre as problemáticas da desocupação atualmente e o

estresse latente das pessoas com as consequências emocionais e psicológicas da contaminação do novo coronavírus.

Para entender como o trabalho e o desemprego influenciam na saúde mental, foi necessário que buscássemos autores que analisassem essa questão pela perspectiva do trabalhador e por meio de pesquisas que revelassem implicações de ordem objetivas, tais como: alterações no mercado de trabalho, transformações tecnológicas, competitividade, produtividade, exigências, marginalização, papel social, condições materiais, instabilidade socioeconômica, isolamento social e Pandemia de Covid-19.

Tais estudos também apontaram as implicações subjetivas que discutem a construção e desconstrução da identidade do trabalhador em situação de desemprego, levando esses a um sofrimento, bem como sentimentos de mal-estar social, abandono, insegurança, instabilidade emocional, baixa autoestima, culpabilidade, dentre outros. E esse mergulho nos levou desde o medo do desemprego, aspecto que destacamos como fator de vulnerabilidade tanto para empregados como para desempregados, até a probabilidade do acometimento de psicopatologias como ansiedade e depressão em decorrência do isolamento social e sequelas ligadas à contaminação pelo novo coronavírus.

Como limites, identificamos a ausência de um aporte teórico específico acerca de material que aprofundasse a saúde mental ligada ao desemprego e Pandemia de Covid-19, voltados para o contexto do trabalho/trabalhador. Com efeito, vimos assim que é necessário o desenvolvimento de estudos, e que a Sociologia, Psicologia do Trabalho, Políticas Públicas se aproximem e se impliquem nessa investigação, bem como a comunidade acadêmica fomente uma maior produção científica. Desta forma, poderemos melhor estruturar ações preventivas e psicoterapêuticas que visem atender a esse público de forma mais acolhedora, levando em consideração o cenário brasileiro e as particularidades desse fenômeno.

Ao questionarmos se existem impactos psicológicos ao trabalhador que está fora do mercado formal de trabalho, podemos responder de forma afirmativa. Foi visível o consenso entre os autores pesquisados sobre o quanto a situação de desemprego pode ser fator gerador de sofrimento e se constituir como uma vivência negativa. Pode também, no processo de exclusão do trabalhador de sua base de relações sociais e de identidade, ser campo de acesso a vivências que permitem, em alguns casos,

ressignificação/reorientação profissional e de carreira, proporcionando um reposicionamento na sua relação com o trabalho e na vida.

Importa-nos destacar a importância de, não apenas compreender, mas de uma qualidade de acolhimento, que faça avançar a pesquisa, gerando ações concretas que promovam intervenções adequadas nos cuidados aos trabalhadores, principalmente àquela população que mais sofre com o desemprego e demais perdas decorrentes da Pandemia de Covid-19.

Posto isso, ansiamos por ações governamentais que auxiliem esses trabalhadores, de forma que os ministérios, órgãos e instituições responsáveis pelo trabalho e a saúde, promovam o desenvolvimento de estratégias integrais à saúde do trabalhador, capazes de assistir a esses trabalhadores no cuidado não somente social, mas também na perspectiva da saúde pública.

REFERÊNCIAS

ABS, Daniel; MONTEIRO, Janine Kieling. Práticas da psicologia clínica em face do sofrimento psíquico causado pelo desemprego contemporâneo. **Psicol. estud.** v. 15, n. 2, Jun. 2010.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

BARROS, Celso Aleixo de; OLIVEIRA, Tatiane Lacerda de Saúde mental de trabalhadores desempregados. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, v. 9, n. 1, Jun. 2009, p.86-107.

BERNARDO, Marcia Hespanhol, NOGUEIRA, Francisco Ronald Capoulade; BÜLL, Sandra. Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. **Arq. bras. psicol.**, v. 63, n. Espe., 2011, p. 83-93.

CODO, Wanderlley. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO Álvaro, BORGES-ANDRADE Jairo Eduardo; W. CODO (Eds.), **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados.1997 p. 21-40.

CODO, Wanderlley; SORATTO Lucia; VASQUES-MENEZES, Ione; Saúde mental e trabalho. In: Zanelli, J.C. (Orgs.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre. Artmed. 2004. p.276-299

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Prod.**, v. 14, n. 3, p. 27-34. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUILLAND, Romilda; MONTEIRO, Janine Kieling. Jovens e desemprego: estado da arte. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, v. 10, n. 2, Dez. 2010, p.145-158.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Depressão e ansiedade são as principais causas de adoecimento e afastamento do trabalho.** 2017. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/4489-depressao-e-ansiedade-estao-entre-as-principais-causas-de-adoecimento-e-afastamento-do-trabalho>. Acesso em: 15 maio 2022.

MONTEIRO, Janine Kieling *et al.* Reflexões acerca do atendimento psicológico a desempregados. **Aletheia**. n. 27, Jun. 2008.

OLIVEIRA, Joaquim Eurico Valentim; PINTO, José Fernando Vasconcelos Cabral; BARROS, Rita Manuela de Almeida. A formação profissional e a percepção de saúde mental dos trabalhadores: estudo comparativo em situação de (des)emprego. **Rev. bras. saúde ocup.** v. 39, n. 129, Jun. 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Panorama Laboral 2021.** Após dois anos de pandemia, a recuperação do emprego tem sido insuficiente na América Latina e no Caribe, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_836203/lang--pt/index.htm. Acesso em: 18 maio 2022.

PINHEIRO, Letícia Ribeiro Souto; MONTEIRO, Janine Kieling. Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. **Cad. psicol. soc. trab.**, Dez. 2007, v. 10, n. 2, p. 35-45.

RAMOS, Maria Altina Silva; FARIA, Paulo Manuel Miranda; FARIA, Ádila Ferreira Lopes. Revisão Sistemática de Literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, 2014.

SANTOS, João Bosco Feitosa dos. **O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará; 2000.

SANTOS, Ludmilla Cristine et al. Psicologia e profissão: neurose profissional e a atuação do psicólogo organizacional frente à questão. **Psicol. cienc. prof.** v. 30, n. 2, 2010.

Recebido em: 2022

Aprovado em: 2022

Publicado em: 2022